

## Memórias: reflexões e metodologia plausível para comunidades tradicionais negras

SHIRLEI PEREIRA ROSA<sup>1</sup>; RONALDO BERNARDINO COLVERO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural(UFPEL) –  
shirleiprosa@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)  
– rbcolvero@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Esta trabalho tem por objetivo apresentar parte da pesquisa de mestrado desenvolvido no programa de pós graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Desenvolver uma pesquisa com e para as comunidades de povos tradicionais nos exige olhos, ouvidos atentos e sensíveis, tornando a escrita e as ações pautadas em movimentos que se cruzam , fazendo os desejos e valores pautado não apenas nos conceitos acadêmicos, mas valorizando suas ciências, seus fazeres e saberes.

Nesse sentido essa pesquisa se desenvolve na cidade de Jaguarão, fica situado no extremo sul do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com o país do Uruguai. A cidade surge nas amarras da escravidão, e como centro de disputa entre Portugal e Espanha, nos anos de 1832, meados do século XIX. Os africanos e africanos escravizados constituíram o desenvolvimento da economia, foi baseado na a pecuária, agricultura, na criação de gado e nas charqueadas.

Segundo Horne(2010), entre 1500 e 1800 cerca de 12 a 20 milhões de africanos e africanas foram trazidos forçadamente para as Américas . Todo este contingente populacional de escravizados construíram a riqueza do sul a norte nestes continentes. Horne(2010) salienta que entre 1650 a 1850 cerca de 4,5 milhões de africanos foram traficados para o Brasil. O ator nos desenha a crescente chegada desses trabalhadores e trabalhadoras, evidenciando que o Brasil chegou a ter um número maior do que a América do Norte.

Horne faz análises e ligações entre a escravidão no Brasil e nos EUA. Berute se utiliza de um recorte espacial menor, analisa as importações de escravizados no Rio Grande do Sul também identificando a intensificação da importação de negros escravizados no pré Lei Eusébio de Queiroz. Segundo Gabriel Berute os anos de 1822 a 1831 foram de intensa movimentação de cativos. Todo este inchaço na população escravizada se dá, em grande, parte pelas leis abolicionistas que pouco a pouco cerceiam as possibilidades deste tipo de mão-de-obra, como a Lei Eusébio de Queirós de 1850 que decretou o fim do tráfico negroiro.

A cidade de Jaguarão em 1833, apresenta um contingente populacional muito marcante e não distante dessas movimentações mais macro no período da escravidão no Brasil e no Rio Grande do Sul, segundo o historiador Jônatas Marques Caratti (2013,p.232) cerca de 5. 457 habitantes ali residiam, destacamos que desses correspondem aos africanos e negros cerca de 2.601 ou seja (47,66%). Mas é no pós a criação da Lei Eusébio de Queirós, que Jaguarão apresenta um inchaço populacional no decorrer de trinta anos, ou seja 1859 a cidade de Jaguarão apresenta um número de 5.056 pessoas escravizadas correspondendo a 28% da população geral da cidade, evidenciando não somente a contribuição como também a influência africana e negra na cidade Jaguarão.

Buscaremos nesta pesquisa procedimentos teóricos-metodológicos que dêem conta de responder os desencontros e coexistentes. Como escrever uma história da cidade de Jaguarão sendo que a mesma atravessa o século XIX com partes dos Impérios em disputa e uma intensa população africana escravizada. Entendemos aqui as fontes orais e as suas potencialidades em construir a história, o indivíduo, as suas experiências e vivência formando suas funções a partir das narrativas. As fontes orais apresentam uma complexa rede de relações e intersecções, e evidenciam ao menos duas coisas: “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. (ADCHIE,2019 ,p.14).

## 2. METODOLOGIA

Essa pesquisa tem como metodologia afirmar a importância do uso dos valores afro civilizatório para a construção de um método que compreenda a totalidade nas comunidades de povos tradicionais . Os quais potencializam o pertencimento e a afirmação das identidades negras, trazendo sentimento de continuidade e representatividade. Nesse sentido, não é/era suficiente ter as memórias, lembranças ou guardá-las para si. Dentro disso temos como base o pensamento da teoria da cultura de Raymond Williams que a ponta um estrutura de sentimento em três níveis da cultura: cultura vivida, a cultura registrada e a cultura da tradição seletivo.

A intelectual negra Giane Vargas ao se debruçar sobre os Estudos Culturais salienta que essa perspectiva tem enquanto uma caminho para desnaturalizar e desconstruir ideias preconcebidas, bem como as implicações de raça, gênero e classe, uma vez que “a cultura como campo de luta em torno da significação social” (2017,p.69). Nesse sentido a autora nos tenciona a pensar os valores e significados que impede de ver o todo que se expressa na vida e no conjunto das organizações, o sentimentos que ali se registra uma que não é mais vivido, mas um passado que sobrevive na ambiguidade e do contraditório.

A reflexão da metodologia desenvolvida neste artigo parte da etnografia participante no primeiro encontro intitulado “Raízes e Resistência: Encontro com a Ancestralidade Africana no Quilombo Madeira”, realizada em maio de 2018, em um contexto que podia estar realizando aglomerações e o contato. O encontro teve como objetivo promover a discussão sobre o fortalecimento das identidades negras, sendo desenvolvido e articulado entre as anciãs de memórias deste territórios, que são as mestras dos saberes e fazeres.

O entrelaçamento das relações começa a se desvelar pelas necessidades e estratégias dessas comunidade de povos tradicionais negras jaguarenses. Unir-se a fim de evidenciar sua existência e permanência em tempos de retrocessos nas políticas públicas e perdas de direitos sociais. Partindo desta experiência, onde as lideranças femininas se reúnem para compartilhar suas memórias e culto, através de oficinas de turbante, oficinas de percussão de toques e ritmos africanos em roda de memórias aos ancestrais. O conectivo entre identidade e memória, as concepções do ser coletivo e individual que o encontro possibilitou é que subsidia todas as reflexões que serão desenvolvidas neste artigo através das referências que surgem dessa experiência.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Conceitos caros ao estudo da história, propomos aqui um breve exercício de reflexão sobre a narrativas e memórias, na produção do conhecimento. Bem como sua dimensão de análise, como o tempo e o espaço. Nesse sentido é preciso refletir a relação entre a memória e história, Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro *O perigo da história única*, coloca um grande desafio, pois a memória pode se perder e prende a um espaço-tempo, a um passado que não existem, as narrativas se constroem a partir da percepção que se tem dessa memória sendo assim a autora elucida começam “[...] a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.” Nesse olhar sobre outra perspectivas edificamos sentimentos e percepções. como podemos destacar no Brasil há um mito de que foi de maneira branda a escravidão, de certa forma parece-me que os pesquisadores tendem a escreverem a partir de uma percepção agressiva de seus “eus”, tornando, um senso comum, a partir do descuido e usufruto da estrutura que atravessa o caminho.

Havia também a lei de terras de 1850, ans em que o tráfico negreiro passou a ser proibido no Brasil embora a escravidão tenha persistido até 1888. Essa lei extinguiu a apropriação de terra com base na ocupação e dava ao Estado o direito de distribuí-las somente mediante a compa. Dessa maneira, ex- escravizados tinham enormes restrições pois só quem dispunha de grandes quantias poderia se tornar proprietário. (RIBEIRO, 2019, p.10)

As comunidade de povos tradicionais negra com a implantação da República e em meio ao positivismo vigente da época e ao neocolonialismo europeu da África e Ásia, e ao Darwinismo social. Com o fim da escravatura em 1888, as elites brancas sentiram a necessidade de excluir da história tudo que era visto como prejudicial à nova imagem do Brasil, agora mais européia pela crescente imigração branca em substituição ao trabalho escravo. As teses do darwinismo social passavam a serem critérios para se repensar a identidade nacional, com isso, acentuaram a diferença e a “superioridade” brasileira com relação aos vizinhos latino-americanos, majoritariamente indígena .Havia a necessidade de esconder o passado escravocrata e toda os seus grilhões, mais tarde, no correr da década de 1930, passa-se a vigorar uma nova concepção: o mito da democracia racial, tendo como seu maior apologista, Gilberto Freyre, apesar do mesmo não negar e reconhecer a presença negra e das suas comunidades tradicionais, mas ocultando as relações racistas, preconceituosas e discriminatórias da sociedade branca para com os negro

#### 4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa nos convida a trabalhar a corporeidade, a memória, o território, a relação do corpo disposto em diáspora negra. Pensar um corpo que se apropria e transita nos espaços, que resiste refletindo o termo de comunidades tradicionais, e do povo negro não apenas como um problema da “escravidão”. Contudo os corpos negros também demarcam em seus corpos a transição entre o presente e o passado, redefinindo suas experiências. A partir de referências afrocêntricas, que imprimem imagens de uma memória positiva, com histórias singulares e particular da região e conforme a forma e ações.

Os resultados ainda são inconclusivos, estão em aberto, porém fica explícito um incentivo para que seja promovido o debate transversalmente nas diversas áreas do conhecimento. O modo corpóreo presente no território tensiona para pensar as estratégias de manutenção e permanência em seus espaço, os laços parentais, por exemplo, estão associados ao mesmo território, abrindo um leque de possibilidades. Uma vez que esses indivíduos têm a sua memória acionada ao espaço, como uma identificação geracional, a construção de saberes a partir destas experiências constituem-se em campo frutífero de estudo e reconhecimento social.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Companhia das letras. 2019.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antiracista, 1 ed. São Paulo Companhia das letras, 2019.

CARATTI, Jônatas Marques. O solo da liberdade. As trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842-1862). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013.

### Capítulo de livro

HORNE, Gerald. O Sul mais distante: o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P. 7-30.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. In: MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-128

### Tese/Dissertação/Monografia

ESCOBAR, Giane Vargas. Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal A razão (1960-1980.). (Tese de Doutorado-Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em Comunicação, RS, 2017)